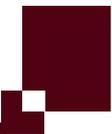


# COMPROMISSO COM A VIDA, NÃO COM A ORDEM: ARTE E CIÊNCIA EM DOCUMENTÁRIO NORDESTE<sup>1</sup>

Anna Waleska N. C. de Menezes<sup>2</sup>



---

*...compreende-se de maneira definitiva a unidade espiritual do Brasil através da multiplicidade de seus aspectos regionais*  
(CASTRO, 1957, p. 129).

*...porque nomear é mostrar e mostrar é modificar*  
(SARTRE, 1984, p.124).

“Reunimos neste volume nossos trabalhos sobre temas e problemas do Nordeste”. Com esta frase Josué de Castro abre o prefácio de *Documentário Nordeste*, obra lançada em 1937, mas iniciada cinco anos antes, quando realizou uma pesquisa sobre “as condições de vida dos operários do Recife”, a qual compõe a segunda parte deste livro.

O próprio autor qualifica esta obra como sendo “de índole vária”, composta de “trabalhos de épocas bem diferentes”, representando diversas fases de sua vida intelectual. Este intervalo existente na confecção de cada texto representou para Castro a prova viva de que ele jamais se desinteressou pelos problemas dos nordestinos, como frisa: “nunca nos libertamos das influências que a terra exerceu em nosso espírito no seu período de formação” (1957, p. 7).

A produção realizada em partes espaçadas temporalmente e o caráter de compilação de temas desenvolvidos em diferentes situações torna a obra *Documentário Nordeste* ainda mais interessante do ponto de vista da representatividade do pensamento de Josué de Castro, o qual se via em plena transição entre a fase médico-nutricional e a fase sociológica profundamente politizada e comprometida com a reforma agrária.

De modo geral, pode-se dividir o empreendimento *Documentário Nordeste* em três partes distintas: uma ficcional, cuja apreensão da realidade se dá pelo emocional do autor, outra de natureza sociológica, com um texto profundamente sensível e, por fim, a terceira parte da obra que trata de aspectos da alimentação do sertão por meio de uma descrição antropológica dos

---

<sup>1</sup> Versão adaptada e reduzida do mesmo título, publicada em: MAGNO, Tânia Elias (Org.). **Josué da Castro**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. (Memórias do Saber).

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012). Professora/Pesquisadora do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), desenvolvendo pesquisa sob o tema “Josué de Castro e a Política: a experiência parlamentar do intelectual da fome”.

“alimentos bárbaros” e de um minucioso estudo nutricional sobre a mucunã.<sup>3</sup>

A primeira parte, composta por contos, buscou “retratar em alguns tipos humanos a paisagem viva do Nordeste brasileiro” a partir de um olhar livre de amarras formais, que é a literatura (1957, p. 7). Na segunda parte da obra Castro visa referendar ou complementar os dados literários com informações bio-sociais sobre “o típico nordestino”. Por fim, suas pesquisas nutricionais visam fechar o círculo “do equilíbrio harmônico do natural e do cultural, dentro da paisagem geográfica” (1957, p. 156).

Para empreender a presente análise, partiu-se do pressuposto sartriano: ao prosador, que não é um sujeito desinteressado, tem-se o direito de perguntar: “Com que fim escreves? Em que tarefa te lançaste, e porque é que essa tarefa tem necessidade de recorrer à escrita?” Para além do assunto, deve-se considerar também o estilo que se adota como um ponto passível de análise, visto que “Não se é escritor por se ter preferido dizer certas coisas, mas por se ter preferido dizê-las duma certa maneira”. Deste modo, um texto deve ser olhado tanto a partir sua intenção temática quanto estilística, como sendo “um momento particular da acção e não se compreende fora dela” (SARTRE, 1984 p. 69, 68).

E qual seria esta ação maior dentro da qual o empreendimento *Documentário Nordeste* se insere? Esta questão é respondida pelo próprio Josué de modo afetivo: “Em outros livros de nossa autoria, tratando de outros assuntos, é sempre possível, raspando-se a crosta superficial das aparências, ver transparecer esta

mesma substância de que é formada a paisagem humana do Nordeste” (1957, p. 8). Logo, buscou conhecer as características de um lugar que marcou a sua vida intelectual e que lhe revelou “o drama universal da fome” fortemente influenciado por Euclides da Cunha, cujos primeiros capítulos de *Os sertões* foram dedicados a compreensão da Terra e do Homem, personagens centrais da narrativa sobre os acontecimentos em Canudos.

Mas então, qual o tema, a finalidade e a forma pela qual Josué de Castro redigiu *Documentário Nordeste*? Nesta obra Castro afirma ter buscado conhecer “a paisagem viva do Nordeste” e tal composição envolve tipos humanos, elementos geográficos, culturais e biológicos. Nele, campo e cidade são vistos em uma unidade, assim como é a paisagem de Recife cujos “elementos antagônicos parecem perder sua ríspida individualidade e já não se mostram divorciados na paisagem, como rios, mangues, ruas e casas [...]” (1957, p. 156).

É sabido que o processo de racionalização do mundo moderno promoveu, na ótica de Max Weber uma progressiva separação entre as esferas da religião, arte, política e ciência. Contudo, Josué de Castro em um movimento inverso promoveu em *Documentário Nordeste* uma reaproximação entre os temas considerados “maiores” e os assuntos cotidianos da vida do nordestino, realizando um diálogo entre arte e ciência numa época em que isto era pouco usual. Daí poder afirmar que ele reencanta o mundo com o seu olhar antropológico-político-literário.

Dentre os oito contos, desenvolvidos na primeira parte da obra, Castro promove

<sup>3</sup> Acredita-se que a seqüência das partes acompanha a própria temporalidade de criação dos textos, não havendo nenhuma intencionalidade formal em sua disposição interna

uma incursão nos sentimentos, na moral e na experiência de vida dos operários, agricultores e moradores dos mangues de Recife. O primeiro deles, intitulado *A cidade*, indica que os rios Capibaribe e Beberibe são os personagens centrais da vida do Recife, pois eles são testemunhas históricas da formação da cidade, vista como “um resumo das aventuras heróicas que os rios contaram e continuam contando, ao se encontrarem numa praia do Atlântico” (CASTRO, 1957, p. 18). Neste conto Josué relaciona a arquitetura com o espírito de cada bairro e a fisionomia dos seus habitantes, valorizando sociologicamente a Terra (no sentido euclidiano) ou o Meio (como denomina Renato Ortiz, 2006) como elemento que liga os enredos particulares, que dá unidade às relações sociais.

No conto *O despertar dos Mocambos* Casto relata detalhadamente a triste rotina dos homens, mulheres e crianças que acordam e vão para as fábricas, para as casas ricas e para as ruas em busca da sobrevivência, ressaltando a conexão entre o mundo rico e o mundo pobre, como partes de uma unidade urbana e da vida que pulsa nos mangues da cidade.

Ainda na temática do mangue, o terceiro ensaio chamado *O ciclo do caranguejo* Castro descreve o mangue como sendo o único local que abriga os exilados da seca, sendo um local que “dá tudo: casa e comida, mocambo e caranguejo” (1957, p. 25). Em contrapartida, o mangue também se serve do homem e seus detritos, numa circularidade ecológica quebrada apenas pelos dramas pessoais de seus personagens. Este conto deu origem ao único livro exclusivamente ficcional escrito pelo autor: *Homens e Caranguejos*, de 1967.

Complementam a série dos “contos do mangue” *João Paulo, Ilha do Leite e Solidariedade Humana*. No primeiro é relatado o caso de uma criança que é baleada mortalmente quando passa pelo mangue um grupo de revolucionários atirando para todos os lados. A outra tragédia descreve a vergonha de uma mãe cuja filha, seduzida pelo doutor que foi trabalhar no Posto Médico, terminou por se prostituir para sobreviver. Enquanto isto, o último conto relata a amizade entre Cosme, um paraplégico que se isolou em seu barraco, um garoto solitário que lhe dava “notícias do mundo” e um leproso que só saía à noite para pescar, mostrando que a limitação também pode unir as pessoas em situação de infortúnio e que o humanismo é um sentimento que se reforça nesses contextos.

Já o conto *Assistência Social* não se passa no ambiente de mangue, mas no seu complemento: o espaço da fábrica. Expondo as limitações do exercício da medicina em uma sociedade excludente, Josué relata a história de um médico de fábrica (que mais se parece com o próprio Castro) que descobre a fome como sendo a grande moléstia que impede os operários de trabalhar, mas ao relatar sua descoberta ao gerente recebe sua carta de demissão.

*A Sêca* é o último conto na sequência de *Documentário Nordeste*, mas é como se fosse “um início de tudo”, pois fala de êxodo rural e de resistência à seca. Trata-se da saga de um pai que vê seu filho morrer de sede no sertão. Ao final de sua luta inglória por água ele desafia Deus dizendo: “uma coisa dessas vossemecê não vê agora; quando agente faz um pecado deste tamanho está com um

olhão assim em cima da gente”. O drama deste personagem é relatado como um dilema de origem de todos os demais problemas sociais nordestinos: “que será melhor: morrer de fome e de sede na sua própria terra ou emigrar para morrer de fadiga e vergonha na terra dos outros?” (CASTRO, 1957, p. 51; 52).

Na segunda parte do livro, intitulada *Estudos Sociais*, Castro irá se debruçar sobre temáticas como racismo, política, exploração, cultura e expansão urbana através de oito artigos nos quais seu olhar sociológico buscou, por meio de dados acadêmicos, demonstrar a realidade social do Nordeste.

No capítulo intitulado *o Nordeste e o Romance brasileiro* Castro indica que a florescência de uma literatura genuinamente brasileira se deu no Nordeste pelo fato desta região ser, frente às demais, a que tem “o maior sentido de tragédia”. Em situações extremas a força do trágico promove um ambiente favorável às grandes realizações, as ações heróicas, como é o caso dos escritores como Jorge Amado, Raquel de Queirós, entre outros citados pelo autor. Adotando uma concepção de geração literária a qual reflete o momento ou ciclo em que se encontra a cultura local, Josué aponta que estes escritores tiveram o mérito de “revelar o Nordeste” até mesmo para os próprios nordestinos, como afirma: “De há muito sentia o Nordeste a sua tragédia, mas só agora, através da experiência cultural, êle compreendeu esta tragédia” (CASTRO, 1957, p. 65).

De modo análogo, o papel da literatura no processo de consolidação cultural, política e econômica de uma região são retomados mais à frente no capítulo

*O regionalismo e a cultura brasileira*. Nele, Josué de Castro relaciona as etapas do desenvolvimento econômico do Brasil com o amor pelo estudo da terra, exemplificando que até a primeira guerra mundial a economia decadente coincidiu com um período de modelos culturais importados da Europa e que, logo em seguida a retomada produtiva do Brasil influenciou os intelectuais a quererem novamente conhecer a realidade nacional. Quando fala destes intelectuais, como Tales de Azevedo e seu método ecológico, Luís da Câmara Cascudo, Nelson Werneck Sodré, José Américo de Almeida, entre outros, Josué de Castro parece também se sentir como um regionalista, como se pode observar em sua análise: “Sem perderem o sentido do universal e do nacional, se concentram em penetrar com vigor as características marcantes do regional, a côm local, a singularidade geográfica e social que dá individualidade à paisagem natural e humana” (CASTRO, 1957, p. 127).

Sobre a missão dos intelectuais regionalistas, pode-se perceber claramente Josué de Castro imprimindo o seu olhar sobre o que acredita que deva ser o compromisso de todos os intelectuais de sua época, inclusive ele mesmo:

No momento cultural que atravessamos, em que se sente um desejo imperioso, uma aspiração coletiva por uma afirmação categórica de independência política e econômica da nação – os estudos dessa natureza devem ser estimulados e recebidos jubilosamente porque constituem as balizas do roteiro de nossa futura política – de uma política consciente, realmente identificada com as aspirações e as singularidades regionais de nosso povo (CASTRO, 1957, p. 129).

Tamanho interesse pelos autores regionalistas pode ser compreendido como uma forma de Josué de Castro se posicionar frente a uma possível herança geracional. Sobre isto Zaidan Filho (2003, p. 84), comenta: “Inicialmente é possível localizar a origem do pensamento de Josué de Castro no interior da geração regionalista do Nordeste”. Segundo o mesmo autor, a partir dos anos 20 formou-se uma espécie de bloco defensor de uma “brasildade nordestina” que se contrapunha ao industrialismo dos modernistas de São Paulo, constituindo-se numa alternativa de compreensão sobre as vias do desenvolvimento brasileiro.

Assim, pode-se verificar que a relação de complementariedade existente entre arte e ciência, anteriormente exposta, também ocorre na relação arte e política. Aqui a produção cultural se constitui num momento propulsor do processo de transformação social, possibilitando uma “tomada de consciência” da especificidade identitária do povo. Daí a fonte de todas as rejeições aos modelos importados e sua desconfiança quanto à eliminação, em nome da modernidade, das práticas tradicionais, dentre elas as habitações construídas nas regiões alagadiças do Recife denominadas mocambos.

Sobre a questão dos mocambos, alvo da urbanização de Recife nas primeiras décadas do século XX, Josué sentencia no capítulo *O problema dos mocambos* que a insalubridade maior não se encontra na moradia em si, mas na pobreza que gera a situação dos mocambos. Ele ressalta: “A meu ver a melhor solução, no momento, para o problema dos mocambos é cuidar de uma porção de outras coisas ligadas ao ambiente cultural que os envolve e

não mexer nos mocambos” (1957, p. 54). Sua defesa dos mocambos, ao contrário de outros intelectuais da época, voltou-se inesperadamente para os aspectos de ventilação e iluminação destas moradias, além de denunciar o projeto de retirada da única alternativa habitacional gratuita oferecida pela “generosidade do mangue” aos mais pobres da cidade.

Portanto, pode-se afirmar que Josué de Castro desenvolveu um “esforço crítico e ensaístico contrário à modernização urbanística e sanitária, então vista como um processo de controle e uniformização estrangeira dos hábitos e da maneira de viver dos nativos [...]” (ZAIDAN FILHO, 2003, p. 84). Seus argumentos basearam-se na adaptabilidade das habitações populares ao meio ambiente local, relacionando seus materiais aos aspectos climáticos e ecológicos da região Nordeste.

Neste sentido o autor de *Documentário Nordeste* se mostra anos luz à frente dos higienistas de seu tempo, os quais viam na ordem cartesiana o padrão ideal de disposição do mundo e, conseqüentemente de desenvolvimento urbano trazidos no período do Estado Novo, durante o qual Recife sofre “uma reforma de amplas proporções, como parte do projeto que visava a forjar uma nova sociedade, moldando ‘um novo homem’ de acordo com o modelo adotado pelo regime totalitário de Getúlio Vargas [...]” (ARRAIS, 2006, p. 10).

Em contrapartida, Josué de Castro incorpora o aparentemente caótico com dado da particularidade cultural e o valoriza. Do mesmo modo, ele aceita a “excêntrica” natureza do Nordeste, vendo-a como um ambiente salubre e considerando

“injusto o julgamento daqueles que não o conhecendo bem, afirmam seja essa zona a menos dotada de condições favoráveis à vida humana” (1957, p. 131). É assim que no capítulo *Os preconceitos de raça e de clima*, Josué demonstra a superação do determinismo geográfico pela inserção da técnica, do planejamento e de políticas próprias para as condições locais do nordeste: estas sim, ao faltarem matam de fome o sertanejo.

Em sendo a seca um caso de política pública e não simplesmente climático, coube na segunda edição desta coletânea o discurso proferido por Castro na Câmara Federal, em seu primeiro mandato como Deputado por Pernambuco, de 1956. Dele gerou-se o capítulo denominado: *O desequilíbrio econômico nacional e o problema das secas*, no qual Josué explora este fenômeno nordestino de modo integrado à dinâmica econômica nacional para demonstrar que é o latifúndio o gerador de fome no sertão do Nordeste e não a falta de chuva. Nesta ocasião, denuncia a chamada indústria da seca, segundo o qual age como paliativo, sem de fato resolver o problema das relações de produção feudais que impedem o desenvolvimento das reservas desta região.

A postura intransigente de Josué de Castro na defesa do potencial do Nordeste brasileiro serviu de base para a formação de grandes pensadores que analisaram, posteriormente, a questão das secas desta região, como foi o caso de Manoel Correia de Andrade, o qual identifica que: “No caso do Nordeste, as pessoas ligadas às estruturas dominantes existentes concebem uma ideologia de que a região não se desenvolve por possuir condições naturais

– clima e solo – desfavoráveis, como se os solos e os climas fossem responsáveis pelo subdesenvolvimento” (1984, p. 43).

Outro texto publicado em *Documentário Nordeste* e que marcou a história das Ciências Sociais no Brasil foi *As condições de vida das classes operárias no Nordeste* (1932). Nele, Josué de Castro publica o resultado da primeira pesquisa realizada no Brasil sobre este tema, cujas conclusões serviram de base para a confecção do cálculo do salário mínimo. Publicado inicialmente em 1935 na obra *Alimentação e Raça*, este texto compõe o amplo cenário projetado para o mosaico de *Documentário Nordeste* para comprovação da tese “mal de fome e não de raça” (LIMA, 2000), a qual é reiterada na seguinte proposição: “os caracteres de deficiência e de inferioridade de alguns povos, atribuídos outrora a fatores étnicos, à fatalidade racial, são apenas conseqüências diretas de más condições higiênicas e principalmente de uma alimentação má” (CASTRO, 1957, p. 75).

O único capítulo desta obra que foge da temática do meio nordestino é o da *Influência negra na alimentação do brasileiro*. Aqui Castro chama a atenção para a necessidade de se pesquisar sobre a origem dos hábitos alimentares do povo, principalmente “os hábitos das classes mais humildes” de modo geral. Sem este conhecimento não se pode falar em política nacional de alimentação – “em diretrizes acertadas para o nosso povo em matéria de dieta” (1957, p. 124). Não apresenta resultados de pesquisas, mas afirma a superioridade biológica dos hábitos alimentares de origem africana frente ao componente europeu e indígena,

chamando de “ridículo tabu” os discursos que os inferiorizam.

Na edição de 1957 foi incluído um estudo realizado por Josué de Castro em 1947, sobre os “alimentos bárbaros” e as novas pesquisas sobre a mucunã. Nestes buscou-se investigar a alimentação local como alternativa de subsistência aos períodos de seca: “são raízes, sementes, frutos estranhos, com aparência exótica, dos quais os habitantes de outras áreas do país nunca ouviram falar que fossem alimentos” (p. 162).

Intrigado pela “excepcional resistência orgânica” do sertanejo face à debilidade de seu meio natural, Castro organizou o primeiro ensaio sobre o valor nutricional da alimentação adotada pelos caatingueiros do Nordeste. Suas amostras vieram do sertão de Pernambuco e da Paraíba, dentre as quais se encontram: a farinha de macambira, a semente de mucunã, a farinha da raiz de mucunã, o côco catolé, a farinha da parreira brava, o xiquexique e a raiz do umbuzeiro. Sua pesquisa não se limitou a análises nutricionais, mas também realizou um levantamento bibliográfico de citações alimentares em autores como José Américo de Almeida, Rodolfo Teófilo e Euclides da Cunha, deixando para este último (sem dúvida o maior influenciador do *Documentário Nordeste*) as honras de encerrar o capítulo com a frase: “O sertanejo é antes de tudo um forte”.

Com seu estudo, principalmente sobre a mucunã, Castro buscou desfazer os mitos contra as malfadadas “farinhas de pau”, identificando nelas além de um relativo potencial alimentar (com exceção da parreira brava e do xiquexique) a ausência de toxicidade em todas

as amostras analisadas. Assim, os relatos de óbito relacionados ao consumo destas iguarias sertanejas são assim analisados por ele:

Quando os sertanejos lançam mãos dessas plantas “brabas”, como a mucunã, já vai bem adiantado o seu estado de carência alimentar [...]. Com mais alguns dias, sendo os recursos naturais – da mucunã e de outras plantas – insuficientes [...], prosseguem as síndromes carenciais e surgem então os fenômenos alarmantes, que são atribuídos pelos sertanejos ao uso das malfadadas “farinhas de pau” (CASTRO, 1957, p. 173).

Enfim, pode-se concluir em *Documentário Nordeste* o que une as diferentes linguagens observadas na obra é a vontade de explicitar para o *Outro* o que é viver no Nordeste, a partir principalmente do micro-cosmo do Recife.

Este *Outro*, interlocutor e antagonista, apresenta-se, sobretudo, no olhar dos países desenvolvidos e seus representantes locais, defensores de uma paisagem “geometricamente disciplinada”, como é o caso de Amsterdã, de uma natureza domesticada e de uma poesia metrificada ou ainda de uma literatura cheia de “argumentos filosóficos”. Estes artificialismos, na opinião do autor, geram “páginas com frases arrebitadas e enfeitadas de adjetivos deslumbrantes” e drenam a vida de um texto ou de uma paisagem (1957, p. 60).

Este é um aspecto central da obra: constitui-se, em termos ideológicos, numa crítica ao processo de modernização ao estilo europeu, abordando sem preconceitos os diferentes contornos humanos e naturais apresentados no Nordeste, como se pode observar na passagem:

No Recife tudo está ostensivamente jogado numa espécie de desarranjo cósmico: os mangues invadindo as terras, as águas dos rios entrando pelos quintais das casas, as línguas de terra penetrando mar a dentro, os mocambos se infiltrando por dentro dos mangues e da lama dos rios, numa desordem assustadora (CASTRO, 1957, p. 156).

Este caos é visto como a vida em seu estado puro, não domesticado pela ordem geométrica dos fluxos. Assim, como ele mesmo afirma, a cidade do Recife teve o “extraordinário privilégio” de “conseguir crescer sem matar a vida da paisagem, sem artificializar-se rigidamente”. Nas cidades como Londres ou New York os rios, bosques e jardins, observa Castro, foram “tão soberanamente dominadas pela técnica que parecem coisas embalsamadas, inteiramente sem alma” (p. 157). Ainda bem que Josué Apolônio de Castro, que sua cidade natal, não foi domesticado por nenhuma ordem dominante, não respeitou as fronteiras formais do conhecimento e nem permitiu que os modelos explicativos artificializassem a vida que transmitia em seus textos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manoel Correia de. Formação econômico-social e processos políticos no Nordeste brasileiro. In: MARANHÃO, Silvio (Org.). **A questão Nordeste**: estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 31-54.
- ARRAIS, Raimundo. **A capital da saudade**: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo. Recife: Bagaço, 2006.
- CASTRO, Josué de. **Documentário Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Cultrix-MEC, 1974.
- LIMA, Eronides da Silva. **Mal de fome e não de raça**: gênese, constituição e ação política da educação alimentar. Brasil (1934-1946). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. **Situações II**. O que é Literatura? Lisboa: Bertrand, 1984.
- ZAIDAN FILHO, Michel. Representações sociais da miséria no Nordeste. In: ANDRADE, Manoel Correia de, et al. **Josué de Castro e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 83-93. (Coleção Pensamento Radical).